



O RETRATO NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DO OLHAR EM JUAZEIRO DO NORTE-CE

Elane Abreu de Oliveira; Rejane de Sousa Lima

Universidade Federal do Cariri

elane.abreu@ufca.edu.br, janes1001@hotmail.com

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de discutir a experiência de formação do olhar através do retrato fotográfico na escola. Para isso, faz-se uma introdução sobre educação, jovem e visualidades e, em seguida, descrevem-se e discutem-se as atividades realizadas em uma oficina com jovens do ensino médio de Juazeiro do Norte-CE. O ponto de partida para a necessidade desta ação na escola foi um projeto de extensão universitária, em que foram propostos o estudo acadêmico sobre imagem e fotografia, bem como oficinas de formação do olhar em escolas do ensino médio. Tendo em vista que os jovens estão em processo de autoconhecimento e que a linguagem visual é uma mediadora fundamental de sua relação com o mundo, o retrato fotográfico opera como campo de experimentação da imagem de si, complementando-se com o olhar do outro. A diversidade de retratos dá indícios de como os jovens desejam ser vistos e de como se utilizam de repertórios próprios e materiais sugeridos. A primeira oficina, foco deste trabalho, teve como base metodológica o processo de produção de retratos realizado em três dias consecutivos: um para exposição oral sobre história do retrato a partir de exemplos na arte, mídia e fotografia; outro para prática fotográfica dos estudantes com câmeras; e o último para intervenções manuais nas fotografias impressas em preto e branco. Ressaltam-se, como contribuições da experiência, a possibilidade dos jovens verem e serem vistos na composição dos retratos de forma mais sensível e crítica, bem como o exercício visual de terem uma imagem de si sob a possibilidade artística contemporânea de mistura de expressões estéticas.

Palavras-chave: educação, fotografia, visualidades, retrato.

1. Introdução

O fluxo de imagens e velocidade de fruição é característico de nossa era devido, em parte, à efervescência de tecnologias de comunicação e maior alcance da internet, tornando as visualidades presenças constantes no cotidiano dos jovens. Dessa forma, seus olhares têm sido muitas vezes regidos por essas mediações, que sugerem relações de identidade e pertencimento. Percebe-se que as escolas ainda estão em adequação às transformações comunicacionais e visuais da contemporaneidade, e o ensino e a relação do jovem no ambiente escolar têm cada vez mais exigido novas metodologias para sua ressignificação e promoção de uma relação de conhecimento mais amplo. As “alfabetizações” possíveis, por diferentes linguagens, sejam visuais, audiovisuais, artísticas, põem em curso o processo de comunicação que se dá não só pela escrita, mas pela educação estética, “fundamental para o desenvolvimento do ser e da pessoa, para o ‘aprender a ser’” (RIBUGENT, 2011, p.44).





A linguagem visual, direcionada neste texto ao fazer fotográfico, é um dos pontos-chave para o processo de educação do olhar. Esta educação se dirige à organização do campo perceptivo e põe em operação características da linguagem visual cujos códigos são trabalhados historicamente e cotidianamente nas formas estéticas que consumimos (DONDIS, 2007). É nosso objetivo discutir uma experiência de formação do olhar fotográfico em uma escola de Juazeiro do Norte, tendo em vista que os jovens estão em processo de autoconhecimento e que as visualidades medeiam sua relação com o mundo. A eleição do retrato como formato para o exercício da linguagem visual se deve à aproximação dos jovens com as imagens, o que foi demonstrado logo na apresentação da proposta de oficina na escola (Escola de Ensino Médio de Tempo Integral Tiradentes), bem como por ser um tipo de fotografia que envolve o pensamento sobre identidade e representação.

A pesquisadora e educadora Kelma Matos (2003) diz que a relação do jovem com a escola, com o mundo e com ele mesmo é reflexo de suas experiências com esses três pilares. Numa fase em que não se é totalmente criança nem adulto, transformações são postas em curso e o autoconhecimento é parte fundamental da relação do jovem com o ambiente em que vive grande parte de sua vida. Para a pesquisadora, o “jovem real” não se limita ao ambiente escolar, ele quer novidades e inovar, quer se mostrar e ser participante da construção do mundo. Compreender a dinâmica das imagens em volta é buscar entender os fluxos da vida também pela comunicação não-verbal, o que desafia o papel do educador. As imagens formam, socializam indivíduos, produzem saberes, identidades, subjetividades, seja na análise ou sua produção. Na escola, “o desafio do professor em trabalhar com imagens e processos de criação artística e estética é que estas mobilizam saberes e operações complexas no manuseio da fantasia e de repertórios conceituais” (MEIRA e SILVA, 2013, p.49). Atuar na formação do olhar dos jovens é fundamental para uma aprendizagem intersubjetiva, atenta e sensível ao outro, a si mesmo e ao entorno. E isso requer disponibilidade para lidar com a imaginação nas formas de comunicação e expressão desenvolvidas no processo de trabalho com as imagens.

A prática da fotografia na educação pode ser um diferencial para uma formação mais prazerosa e significativa. As “fotografias abrem ao observador visões do mundo” (FLUSSER, 1985, p.37). Possibilidades de uso da linguagem fotográfica são colocadas em prática nas experimentações estéticas dos próprios estudantes. Estas experiências os levarão a compreender melhor sobre identidade, a representação de si e do outro, através dos retratos. Esse tipo de imagem fotográfica – retrato-, inclusive, é abordado pela pesquisadora Annateresa Fabris





(2004) como configurador de identidades, sendo passível também de artifícios ficcionais. Outra riqueza do retrato está na operação dupla de “semelhança” e “diferença, bem como de “unidade” e “multiplicidade”.

“Semelhança” e “diferença” imbricam-se necessariamente no retrato, uma vez que ele pode afirmar tanto a unicidade da pessoa na multiplicidade dos sujeitos (personagem com traços de outros modelos) quanto a multiplicidade das pessoas na unicidade do sujeito (as diferentes máscaras que um retratado pode assumir) (FABRIS, 2004, p.57-58).

Essa diferenciação possível no retrato é ainda mais sugestiva quando o público escolar é composto por jovens em formação. Ao buscarem firmar suas individualidades, estes também podem exercer papéis e usar as máscaras que melhor lhes cabem, sendo dinâmicos em suas representações. Faz parte também de uma “alfabetização” visual, inclusive, tornar perceptível a construção de diferentes personagens e distintas formas estéticas a partir do retrato fotográfico. Como o jovem do ensino médio vê, vê-se e como quer ser visto? Com esse enfoque, partimos para a experiência que será descrita a seguir.

2. Metodologia

Destacamos como percurso metodológico o processo experimental da ação realizada com jovens estudantes na escola, em que houve tanto a análise e criação de imagens quanto depoimentos dos participantes. A oficina Formação do Olhar: Imagem e Linguagem Visual deriva do projeto de extensão de mesmo nome, vinculado à Pró-reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Federal do Cariri (UFCA). O projeto prevê a realização de oficinas em escolas da rede pública da cidade de Juazeiro do Norte – CE e o principal objetivo é fornecer aos estudantes o exercício de um olhar mais crítico e sensível através da exposição de um repertório histórico e visual de retratos, da prática fotográfica com câmeras para realização de imagens e da intervenção artística nas fotografias impressas com materiais sugeridos.

A primeira escola a ser trabalhada foi a Escola de Ensino Médio de Tempo Integral (EEMTI) Tiradentes, situada no bairro Tiradentes. Um dos passos fundamentais foi a entrega, previamente, de uma proposta da ação à coordenação da escola. A proposta continha: justificativa, objetivo, metodologia, programa, dentre outros. Confirma-se, nesse contato, o interesse da instituição na oficina, demonstrando a necessidade de atividades desse tipo com os jovens. As datas agendadas foram os dias 28, 29 e 30 de agosto de 2017, três dias consecutivos, visando uma continuidade mais efervescente dos estudantes e a manutenção da motivação.





Quanto aos recursos utilizados, foram necessários uma apresentação em slides com fotografias, data show, computador, duas câmeras fotográficas, dois tripés, impressões das imagens em preto e branco e materiais para intervenções artísticas como: lã, fitilho, *glitter*, recortes de revistas, lápis de cor, cola e tesoura. O momento de exposição oral com auxílio de slides com fotografias foi pensado para potencializar e ampliar o repertório visual dos estudantes participantes, servindo como inspiração para eles em suas produções. O programa se dividiu em três partes: o primeiro dia foi mais expositivo, com visualizações de fotos e discussão sobre conceitos de retrato na pintura, fotografia, mídia e arte; o segundo dia foi mais prático, com produção de retratos em que, por duplas, fotografaram-se; e o terceiro dia foi voltado à experimentação artística com o retrato impresso em preto e branco. Os 17 participantes eram da faixa etária de 15 a 18 anos, em maior parte meninas.

3. Resultados e Discussão

No primeiro dia de oficina houve bastante adesão de interessados. Os que se inscreveram estavam ansiosos e tivemos outros estudantes com interesse na iniciativa que se fizeram presentes. Havia uma expectativa diante de uma atividade que não apenas significava uma quebra de rotina na escola, mas uma atividade que supunha um desafio à imaginação e o estímulo à criatividade. Este desafio também é dirigido aos ministrantes da oficina que, como “professores”, vão mobilizar os “saberes” e as “fantasias”, conforme mencionam Meira e Silva (2013).

Tivemos três ministrantes à frente na sala: a coordenadora do Projeto, uma bolsista e um voluntário. No decorrer da apresentação da história do retrato por imagens, os estudantes ficavam à vontade para perguntar ou comentar algo. Em certo momento, uma estudante mencionou o fato de uma fotografia exposta se assemelhar a de outro artista. Artistas como Vicent van Gogh parecia fazer parte do cotidiano deles, o que sinalizava um bom ensino e conhecimento de arte na escola. Por outro lado, é importante citar o crescente uso de tecnologias de comunicação, possibilitando o acesso à informação em sites e redes sociais (Facebook, Instagram etc.), por onde o conhecimento sobre imagem e arte também se reconfigura.

Em outro momento uma estudante mencionou, ao ver uma fotografia, que a modelo da imagem se assemelhava à da filha da Angelina Jolie, famosa atriz americana, demonstrando um repertório associativo com personagens da cultura de massa. Essa associação com conteúdos de





seu cotidiano torna mais familiares as relações possíveis entre as imagens, sejam do universo da arte, do consumo, da mídia de massa. Outra observação quanto ao universo de referências dos alunos foi quando uma estudante destacou que parecia haver só fotógrafos homens dentre os artistas de que falávamos. A percepção quanto à questão de gênero faz parte também da realidade da juventude, que busca situar sua identidade. A procura por significados e representações desses estudantes se dá em grande medida nas visualidades.

Finalizamos a exposição oral do primeiro dia com a orientação de que poderiam trazer de casa, para o dia seguinte, um objeto de cena, ou roupa, ou algum adereço. Também sugerimos que pensassem em que local da escola queriam fazer os retratos. Logo ouvimos comentários de que roupa iam querer vestir, que lugar da escola queriam. A preocupação sempre girava em torno da melhor foto possível, como se não desejassem ser expostos de qualquer forma. Havia uma inquietação por originalidade ao falarem de como gostariam de ser retratados.

O segundo dia foi a ocasião de serem fotografados. Nas palavras de uma das meninas, era “o dia mágico”, sinalizando que era o momento de criar uma nova história, a que eles imaginavam. Orientamos para que fizessem duplas e depois partimos para a produção dos retratos. Acompanhamos a execução deles e ficamos à disposição para orientações básicas sobre a câmera (foco, zoom e ajustes de tripé), buscando não interferir muito na elaboração deles. Nossa intenção não era obter retratos tecnicamente bem elaborados, mas com sentido e personalidade para cada um. Dois ambientes da escola foram eleitos por eles como cenários: um recanto com plantas e flores e a quadra.

Cada um deveria pensar o seu retrato, mas quem tiraria a foto, operando a câmera, seria o(a) colega/parceiro(a). Notamos variantes nessa dinâmica. Alguns tinham uma habilidade nata na direção fotográfica, outros compartilhavam ideias com o colega, já outros vinham com toda a ideia em mente para realizar seu retrato. Disso resultaram retratos cheios de particularidades: uso de jaquetas, bonés, poses específicas, até o fato de algumas meninas quererem tirar foto juntas, mostrando uma identificação com a amizade e o compartilhamento de afetos. Como uma delas comentou, é para “mostrar que estamos sempre juntos, como família”. Por outro lado, um garoto nos questionou se poderia tirar um retrato de uma coisa, um objeto, e não dele. Não querer aparecer na imagem também significava algo para ele e mostra o quão criativos os jovens podem ser, inclusive fazendo-nos repensar: é possível o retrato sem aparição da pessoa? Seria uma representação de si para além do “programa” que criamos (FLUSSER, 1985), ou mesmo a identidade dessemelhante que importa para o sujeito (FABRIS, 2004).





A possibilidade de fotografar o outro também despertou a identificação de alguns com o papel de fotógrafo(a). Uma estudante, ao segurar a câmera fotográfica para tirar a foto de um colega, disse com propriedade o enquadramento que queria e a luz que desejava. Já outros, nem queriam ser fotografados e apenas fotografar o colega, evidenciando o desejo de saber manipular o aparelho. Isso nos levou a identificar a necessidade que o jovem tem de também ter poder e conhecimento sobre certas operações e decisões.

Uma situação que chamou bastante atenção foi a entrada de uma das estudantes em sala vestida com uma blusa rosa, uma calça de judô, segurando na mão uma tiara de princesa. Já tinha um conceito em mente sobre o retrato que tiraria na quadra da escola. Ao chegarmos lá, um colega seu fez um comentário sobre o porquê de ela usar aquela calça de judô, com tom de reprovação. Ela prontamente respondeu, colocando sua tiara de princesa no cabelo: “por que mulher não pode usar o que ela quiser?”. Na resposta, surge mais uma vez, como no primeiro dia da oficina, a questão de gênero como mote da representação de si. A mistura de um figurino tradicionalmente associado à menina com outro relacionado a menino é uma expressão de como aquela jovem deseja ser vista fora de rótulos. Algo próprio ao “jovem real” de que fala Kelma Matos (2003).

No terceiro e último dia, os estudantes fizeram uma experimentação artística sobre o retrato impresso em preto e branco. A ideia do preto e branco em vez do retrato colorido foi para estimulá-los e desafiá-los a mergulhar na imaginação de um novo retrato, dessa vez, com possibilidade de ganhar uma nova camada de significação por meio da experimentação livre com outros materiais: lã, fitilho, *glitter*, recortes de revistas, lápis de cor, cola e tesoura.

O momento em que os estudantes recebiam seus retratos e olhavam teve reações diversas: de satisfação, desaprovação e até constrangimento. Isso mostrou que a imagem de si não significava para eles apenas uma cópia, mas uma manifestação de seu universo pessoal. Além disso, quando dissemos que podiam pintar em cima da foto, ou fazer colagens, muitos disseram que não queriam, que apenas queriam levar o retrato impresso para casa. O retrato tornou-se mais que um mero objeto; era uma porção de cada um, algo especial.

Aos poucos foram pensando sobre o que queriam trabalhar na imagem. Foram testando e construindo uma nova imagem com recortes, colagens, fitas, *glitter* e lápis de cor. A criatividade ia surgindo juntamente com a ousadia de romper com o apego ao retrato impresso. Uma menina perfurou o papel e, com a lã, foi preenchendo os buracos, como quem borda e costura. A arte manual se misturava ao digital num momento de concentração e desconstrução.





Havia dois meninos que estavam sem saber como trabalhar suas imagens e, de repente, se viram imersos na experiência. Um deles ao final disse: “a gente fica com medo de ficar feio, mas depois olha e gosta”. Outra menina complementou dizendo: “o importante é você gostar. E de alguma forma ainda é a gente, só que diferente”.

Os resultados foram diversificados, alguns mais elaborados, outros mais sutis, mas todos com sua particularidade. Finalizamos a oficina com a exposição desses retratos artísticos na parede da escola. Tanto alguns colegas quanto professores se aproximavam para elogiar e comentar as fotos. Alguns estudantes retratados tiravam fotos dos seus retratos colados assim como pediam para serem fotografados do lado de suas obras na parede. Um ciclo de representação assim se fechava: no primeiro dia os artistas consagrados eram o repertório visual e no último as imagens dos alunos que ocuparam a galeria de exibição da escola.

4. Conclusões

Embora exista um esforço das escolas em proporcionar experiências e conhecimentos sobre o mundo contemporâneo aos jovens, estas instituições de ensino ainda se veem distantes das transformações do mundo que cada vez se relacionam com o processo de aprendizagem dos estudantes. Percebe-se, com a experiência da oficina de formação do olhar, que o jovem contemporâneo, mesmo estudante de ensino integral, interage constantemente com fluxos midiáticos e imagéticos, o que o insere socialmente também como consumidor de conteúdos massivos. Suas conexões com o aprendizado se alargaram e há uma expectativa de que a escola acompanhe esse dinamismo, possibilitando vias de expressão e comunicação mais alinhadas com o “desenvolvimento do ser” e do “aprender a ser”, como coloca Ribugent (2011).

A realização da experiência fotográfica com jovens estudantes foi enriquecedora, considerando que estão em fase de descobertas, do mundo e de si. Como apontado anteriormente, eles já passam por questionamentos de gênero, de representatividade e de vivências com alteridades. Acreditamos, dessa forma, que o exercício visual, seja de produção ou de leitura de imagem, contribui para uma expressão mais livre do estudante, como também o afirma enquanto indivíduo em meio ao coletivo. As expressões contemporâneas dos retratos expõem modos de ser possíveis para os jovens, que se identificam ao perceberem uma mistura elaborada de estilos, conceitos e estéticas.

Diante do exposto, trabalhar com imagens e processo criativo na escola Tiradentes foi uma experiência de “aprendizagem construída” e “vivência de intersubjetivação”, como





colocam Meira e Silva (2013), uma vez que a ação com os retratos articula gestos e afetos vitais para o conhecimento. A escola, por sua vez, ao deparar-se com os retratos na parede vê os indícios do potencial criativo de cada estudante, assim como visualiza seres distintos e peculiares que se mostram além dos uniformes. Nós, como ministrantes, também aprendemos nesse contato com a juventude e com as imagens que querem de si. Esta construção conjunta sobre o olhar do outro e a troca de saberes proporcionada pelos envolvidos na ação sublinham as potencialidades de conhecimento através da linguagem visual e fotográfica. Esse conhecimento, inclusive, é o que se mantém vivo, além das fotografias na parede.

Referências

DONDIS, Donis A. *A sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FABRIS, Annateresa. *Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Editora Hucitec. São Paulo, 1985.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. *Juventude, professores e escola: possibilidades de encontros*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

MEIRA, Mirela Ribeiro, SILVA, Ursula Rosa da. Cultura visual, ensino da arte e cotidiano: hibridismos e paradoxos. *Visualidades: revista do programa de mestrado em cultura visual*, Goiânia, v.11, n.2, p.37-58, jul./dez., 2013.

RIBUGENT, Gemma Carbó. Áreas de interseção entre cultura e educação: a formação de professores. In COELHO, Teixeira (Org.) *Cultura e educação*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2011.

